

A Galinha Caipira

Deu umas pancadas de chuva à noite. Clareou (um pouco), mas ainda se vê e ouve a água mijando pelas beiradas da palha de buçu. O lançante chegou e a água desce pelas gargantas dos igarapés feito vômito. Os peixes dispersaram. Ela olha o céu e certifica-se de que são Pedro mijará ainda mais. Fidélis, um tanto incrédulo, lança nas águas turvas do igarapé a tarrafa e, devagarinho, a puxa, como um ritual de fé. Ergue o instrumento de pesca, gira-o, passa a mão, vasculha, sacode...nada! Decepcionado, fica a olhar a água que escorre da tarrafa, enquanto houve uma voz incômoda que sai pela janela da palhoça.

- Pegou algum?

Ele nada responde, mas ela já sabe o que ouvia. Nada, nada, nada! Nem sequer uma matupiri. Por isso, não lhe cabe apoquentar o menino repetindo a pergunta que, nesses casos, é sempre insuportável.

Na cozinha, pega um prato, amola uma faca e racha um limão.

Espremendo de frio e só, está a galinha em um canto do quintal.

Dias difíceis. Nem mesmo essa pobre ave está a salvo dos olhos gulosos

Dona F. Amélia traga um pequeno gole de café preto, olha o céu novamente e passeia de olhos pelo quintal. Vê anus, uns urubus voando baixo e um gavião à espreita, mas da galinha Filó nem sinal.

Tomara que não tenha voado para estômagos vizinhos, ou caído nas garras do gavião.

É preciso achar Filó antes que o menino retorne do marisco.

Por falta de milho, alguns insetos foram jogados no terreiro com intuito de atrair a velha Filó, mas não adiantou

nuvens escuras se aproximam, os igarapés continuam a vomitar coisas das estranhas e o pequeno Fidélis, encharcado na beira do corgo, de peneiro vazio que nem miolo de taquari, sapeca e puxa a tarrafa da correnteza.

Hoje parece difícil pegar algum peixe, mas ele não está com cara de quem vai desistir tão cedo. Ainda bem, porque nesse momento, de bunda empinada com a cabeça enfiada debaixo do jirau, dona F. Amélia avista algo que pode muito bem ser Filó. Se or, não deverá oferecer obstáculo para ser capturada, pois com o frio que faz, é bem provável que ela nem se mexa. Basta ir por trás da casa, sorrateiramente, esconder-se atrás de uma rebolada de capi-marinho e, na hora certa, agarrá-la. Esse é o plano, mas é preciso mais um tempinho para o menino, que acaba de gritar do corgo:

- Peguei! Peguei! Peguei!

A mãe sente um alívio imenso, mesmo com o estômago reclamando. Talvez seja possível adiar o fim da galinha caipira. Foi até a janela e do corgo Fidélis, orgulhoso, exhibe duas matupiris. E ela:

- Não dá pra encher o buraco do dente!

Sem mais abrir a boca, ele volta a jogar a tarrafa na correnteza e a chuva principia a cair e escorre sobre seu corpo trêmulo.

O frio aumenta. Anus, urubus e gavião continuam a rondar a casa.

Dona F. Amélia já está posta atrás da rebolada de capim-marinho e espera que Filó mude a posição de cabeça. Outra matupiri cai nas malhas da tarrafa, o menino vibra, timidamente, que nem dá para a mãe escutar. Apenas a galinha parece ter percebido algo e levemente move o pescoço na direção do corpo. É quando sente mãos firmes lhe espremendo a carne.

No fogão de lenha, a água já está quente. Dona F. Amélia pisa nas pernas de Filó, estica e depena o pescoço, dá com a faca aqueles tapinhas sagrados que precedem o corte da garganta e consoma o ato. Quando o sangue termina de escorrer no prato, ela espreme sobre ele o limão e vai pelar a galinha. Cuida, tempera, leva ao fogo, põe o sangue no caldo e espera aprontar, distraíndo-se com as fumaças que escapam do fogo e se desmancham no ar, como tudo nessa vida em tempos virtuais. Quando Fidélis chega, a refeição está na mesa, quer dizer, no chão mesmo. Sentam e, sem papear, come até se fartar. Apenas ao final deseja saber o menino onde a mãe conseguiu ave tão deliciosa.

Mas ela desconversa, evitando que ele saiba que o que acaba de comer era na verdade animal de estimação do pequeno.

Conto: A Galinha Caipira

Autor: Cláudio Queiroz

Vila Progresso, maio de 2003